



ISSN: 1984-4751

---

**Aprendendo a *hablar* em Português: a experiência educativa cotidiana e o uso de tecnologias móveis no ensino da Língua Portuguesa**

**Graciela Violeta Majluf Rossel<sup>1</sup>**

**Javier Andrés Claros Chavarría<sup>2</sup>**

**Isaac Pereira Viana<sup>3</sup>**

**RESUMO**

O uso de tecnologias móveis tornou-se parte do nosso modo de vida, de maneira que essas tecnologias têm sido adaptadas para terem seu uso em diversos espaços, como, por exemplo: saúde, educação, política, economia, entre outros. No campo da educação, em específico, as tecnologias móveis denominadas *M-learning* entraram em cena no intento de acolher e compreender as múltiplas realidades do aluno no processo dialético de ensino e aprendizagem, além de permitir uma didática geradora de prazer durante esse processo. O presente trabalho foi produzido a partir da experiência educacional diária que tivemos no primeiro módulo da disciplina semanal denominada *português para estrangeiros*, coordenada pela Assessoria de Relações Internacionais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Trata-se de um estudo qualitativo, exploratório, e, sendo um tipo de pesquisa participativa, nossa própria experiência, na condição de estudantes migrantes bolivianos, foi utilizada como prisma empírico. O objetivo desta pesquisa foi entender como o uso de *M-learning* no ensino e aprendizagem da língua portuguesa para estrangeiros no Brasil (*in situ*) quebra com as formas tradicionalistas de ensino e vai em direção à realidade cotidiana do sujeito. Verificamos que o *M-learning* modificou nosso tipo de experiência educacional cotidiana, repercutindo positivamente em nosso contexto educacional real, de modo que conseguimos desenvolver capacidades linguísticas em outro país com uma linguagem que não conhecíamos.

**Palavras-chave: Tecnologia móvel. *M-learning*. língua estrangeira.**

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade. Universidade Federal do Maranhão. E-mail: graciela.majluf@gmail.com

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade. Universidade Federal do Maranhão. E-mail: andresclarosch@gmail.com

<sup>3</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade. Universidade Federal do Maranhão. E-mail: isaac\_pviana@hotmail.com

## 1. Introdução

Atualmente, o uso de tecnologias móveis tornou-se parte de nosso *habitus* (BOURDIEU, 2007), ou seja, os estilos de vida dos agentes sociais se tornaram semelhantes em termos de consumo, práticas e suas lógicas de ação mediante o uso de diferentes aplicativos (*apps*) que facilitam suas diversas tarefas e atividades da cotidianidade. Por exemplo, esses aplicativos são usados diariamente em: pesquisas de rua, restaurantes, cinemas, shoppings, tradutores de idiomas, esportes, transações bancárias, reservas de voos, hotéis, etc. Além disso, essas tecnologias móveis foram apropriadas para terem seu uso aplicado em outros espaços, por exemplo: na saúde, educação, política, economia e outros.

Particularmente na educação, acreditamos que o uso de tecnologias móveis aceitou plenamente o desafio de oferecer novos caminhos no que tange ao contexto dos espaços cotidianos de vivências entre alunos e professores, no ato pedagógico. Conseqüentemente, devemos nos perguntar: como é que essas tecnologias móveis estão sendo usadas no processo de ensino e aprendizagem? Na determinação de repensar a sala de aula, como algo além de uma estrutura fechada e limitante, com o objetivo de acolher e compreender as múltiplas realidades do aluno no processo dialético de ensino e aprendizagem, e no intento de aplicar uma didática geradora de prazer no momento da aprendizagem (ROBSON; INFORSATO, 2011), é que as tecnologias móveis denominadas *M-learning* entraram em cena.

Este artigo foi trabalhado justamente a partir do nosso processo de aprendizagem como estrangeiros no Brasil. Portanto, a partir de uma perspectiva empírica e teórica é que propomos como objetivo entender como o uso de *M-learning* no ensino e aprendizagem da língua portuguesa para estrangeiros no Brasil (*in situ*) quebra com as formas tradicionalistas de educação, transcendendo os espaços formais de educação, em direção à realidade cotidiana do sujeito, e modificando o tipo de experiência educacional cotidiana que ele pode ter em um contexto educacional real.<sup>4</sup>

Este trabalho é qualitativo, exploratório, e nossa própria experiência, como estudantes migrantes bolivianos, está sendo utilizada como prisma empírico. O tipo de pesquisa é participativa e, em termos de sua metodologia, trabalha principalmente com aspectos subjetivos, onde a interpretação de fenômenos e estruturas sociais é parte fundamental para a adequada aplicação da teoria (LÊ BOTERF, 1984, p. 58 *apud* GIL, 2002 p. 150). Por

---

<sup>4</sup> A proposta foi redigida a partir da experiência educacional diária que tivemos no primeiro módulo da disciplina semanal chamada *português para estrangeiros*, coordenada pela Assessoria de Relações Internacionais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

intermédio deste tipo de pesquisa, nos concentramos em estudar um fenômeno como processo dinâmico e mutável, que caminha próximo ao espaço do senso comum e da experiência pessoal, sob um paradigma objeto/sujeito que é igualmente dinâmico.<sup>5</sup>

A estrutura do artigo será dividida em quatro seções: A primeira seção contextualizará nossa unidade de análise (UA) (GUBER, 20014). A segunda seção terá um caráter teórico com o objetivo de aprofundar o *contexto de formação real dos atores*, através do qual o indivíduo transita pela sua *experiência educacional cotidiana*, e isto com a finalidade de compreender como o processo educacional se desenvolve e, também, para dar suporte teórico a nossa parte empírica. Num terceiro momento, abordaremos o *M-learning* e narraremos nossas experiências no âmbito do curso de *português para estrangeiros*, resgatando a importância da utilização destas tecnologias no esforço de trazer essa realidade cotidiana para o campo educativo. Finalmente, o trabalho concluirá seu itinerário com uma reflexão sobre as vantagens do *M-learning* em nossa experiência ao aprender uma língua estrangeira em um país estrangeiro.

## 2. Aprendendo português em São Luís do Maranhão

Como parte do desenvolvimento do artigo é necessário contextualizar nossa UA, o curso de *português para estrangeiros*, a partir da seguinte questão: em que situação surgiu a necessidade de ensinar português a estrangeiros na UFMA? Em novembro de 2017, a Organização dos Estados Americanos (OEA) e o Grupo de Universidades Brasileiras de Coimbra (GCUB) anunciaram os vencedores da bolsa do Programa de Alianças para a Educação e a Capacitação (Bolsas Brasil - PAEC OEA-GCUB) para cursar mestrado e doutorado em diferentes universidades do Brasil. Assim, entre os mais de 400 vencedores, treze candidatos foram selecionados pela UFMA, instituição que pela primeira vez recebeu estrangeiros do convênio com a OEA e o GCUB.

Um dos benefícios oferecidos pela bolsa aos candidatos foi a aprendizagem da língua portuguesa. Desse modo, não era necessário que os candidatos tivessem conhecimento da língua portuguesa, visto que, além de cursar os mestrados e doutorados no Brasil, os

---

<sup>5</sup> Também é importante mencionar que não pretendemos avaliar os métodos utilizados na disciplina que nos foi ensinada, mas simplesmente tentaremos contar nossa experiência educacional, em relação ao nosso contexto formativo como futuros lusófonos, através do uso de *M-learning*. Por esse motivo, o trabalho será abordado a partir de interpretações que podemos ter como nativos bolivianos, numa primeira ordem, e pesquisadores, numa segunda ordem (GEERTZ, 2003), ou seja, como alunos da disciplina e como pesquisadores, ou ainda, na condição de sujeitos e objetos de estudo ao mesmo tempo.

interessados teriam a opção de aprender a língua portuguesa nas universidades que fossem selecionados. Assim sendo, a UFMA, mediante o Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) do Ministério da Educação (MEC), precisou abrir um curso de português para estrangeiros.

O curso foi ministrado por dois professores, ambos do departamento de Letras da universidade. A professora responsável pela disciplina foi uma estudante da graduação e o outro professor foi o *Coordenador Pedagógico de Português e Língua Estrangeira do IsF*. A primeira dificuldade que eles tiveram no momento de planejar a disciplina estava relacionada à heterogeneidade de níveis, em termos de conhecimento que os candidatos tinham da língua portuguesa. Isto é, alguns tinham cursado cursos básicos de português em seus países, enquanto outros não tinham conhecimento algum da língua. Outra dificuldade, para os professores, era que os alunos vinham de diferentes países, com diferentes idiomas nativos: castelhano e francês. Portanto, o planejamento da sala de aula teve que ser pensado a partir de um nível básico, com o objetivo de homogeneizar o conhecimento da língua portuguesa na turma.

A composição dos estudantes estrangeiros da disciplina *português para estrangeiros*, de acordo com o país de origem, no primeiro semestre de 2018, foi: três estudantes venezuelanos; dois estudantes bolivianos; dois estudantes haitianos que falavam francês; um estudante chileno; um estudante colombiano; uma estudante costarriquenha; uma estudante mexicana; um estudante peruano; uma estudante argentina.<sup>6</sup>

Contextualizada nossa UA, procederemos ao desenvolvimento do artigo, sendo o próximo passo tentar aprofundar sobre os elementos que compõem o contexto formativo real dos atores do processo educativo, entendendo que "[...] o conjunto de práticas cotidianas decorrentes do processo da experiência escolar cotidiana é o que constitui o contexto formativo real para professores e alunos (ROCKWELL, 1995, p.14)."<sup>7</sup>

### **3. O que é o Contexto Formativo Real dos Atores no Processo Educativo (CFRAPE)?**

---

<sup>6</sup> Durante o primeiro mês, o curso era ministrado aos sábados, das 08:00 h às 12:00 h, e, em seguida, o dia e a hora mudaram para segunda-feira, das 14:00 h às 18:00 h, a pedido dos alunos e em consonância com os professores.

<sup>7</sup> Em relação à citação da autora, é importante explicar que ela desenvolve sua proposta teórica a partir da escola, em nosso trabalho faremos a partir de um processo disciplinar, assim, quando não encontrarmos qualquer inconveniente, e sem forçar o uso da teoria para a UA, o termo que usaremos adiante será o da *experiência educativa cotidiana* (EEC).

O CFRAPE é aquele espaço físico e simbólico formal em que alunos e professores desenvolvem sua experiência educativa cotidiana (EEC). Por sua vez, esse contexto é condicionado por uma série de transformações nas estruturas da sociedade e no agente social que modificam as relações e interações no processo educacional. Um exemplo claro disso é o avanço da tecnologia. Acreditamos que, para conhecer como os sujeitos desenvolvem determinadas experiências educativas em diferentes contextos - por exemplo, estrangeiros que aprendem a língua portuguesa no Brasil - é importante entender quais são os fatores que constituem um determinado CFRAPE.

Para muitos modelos educacionais, que estão tentando transformar seus sistemas, o CFRAPE é atualmente uma incógnita, pois ainda estão focados em formas ortodoxas de ensino e regulamentos educacionais, ao invés de prestar atenção à EEC do sujeito na escola, na universidade e em diversos institutos educativo. A importância de prestar maior atenção à EEC reside em que, para entender o CFRAPE, é preciso reconhecer que, dentro dessas instituições educativas, acontecem relações, interações, comportamentos, ações; convergem conhecimentos diversos, valores; e, muitas vezes, o sujeito procura modos de viver e, em alguns casos, como diz Rockwell (1995), de sobreviver ao processo educativo.

As relações e interações que acontecem dentro das instituições são entendidas a partir do CFRAPE, que é composto por: uma legislação oficial educativa (LOE) e uma ordem institucional existente (OIE) próprio de cada instituição (ROCKWELL, 1995). Segundo a autora, esta LOE é adaptada à OIE, o que resulta na EEC do sujeito. No entanto, acreditamos que é necessário articular um terceiro fator que não é levado em conta: a realidade cotidiana (RC)<sup>8</sup> do sujeito, entendida como os espaços onde os sujeitos se relacionam com todos os fatores e práticas externas ao processo formal da educação. Estes espaços, muitas vezes, produzem novas *culturas*, fazendo com que o estudante questione os verdadeiros benefícios do processo de educação formal (WILLIS, 2008)<sup>9</sup>. Não obstante, também a RC é entendida como uma série de experiências cotidianas que o aluno herda, reproduz, transforma e experimenta com familiares, amigos e sociedade.

Entendemos que o CFRAPE é o resultado da EEC, que é constituída pelos três fatores mencionados: a LOE, a OIE e a RC. Além disso, este CFRAPE pode ser herdado, reproduzido, resistido ou transformado. Ou seja, por um lado pode estar condicionado por

---

<sup>8</sup> Poderíamos também considerá-los como todo tipo de conhecimento informal, isto é, tudo o que não faz parte do aprendizado formal que ocorre em certas instituições educacionais.

<sup>9</sup> Paul Willis (2008) propõe a ideia de penetrações culturais em seu estudo de como a cultura dos trabalhadores penetra de alguma forma a cultura escolar e lhe tira a relevância, gerando uma cultura antiescolar.

Revista Tecnologias na Educação – Ano 10 – Número/Vol.27 – Edição Temática IX– III Simpósio Nacional de Tecnologias Digitais na Educação (III-SNTDE). UFMA - [tecnologiasnaeducacao.pro/tecedu.pro.br](http://tecnologiasnaeducacao.pro/tecedu.pro.br)

reformas educacionais passadas, isto é, contextos passados em que uma determinada instituição educacional foi estabelecida; por outro, pode ser transformado pela realidade, que é mutável em todas as sociedades de uma época e lugar. Por isso é importante que se leve em conta esses aspectos: eles têm a ver com a EEC dos sujeitos num determinado contexto.

Quando falamos de EEC, nos referimos a "[...] as formas de transmitir conhecimento, a organização dos métodos de ensino e as relações institucionais [...]" (ROCKWELL, 1995, p. 13) que afirmam o processo educativo em uma determinada escola, universidade ou instituição educacional. Essa noção está claramente associada às práticas, aos consumos e às interações cotidianas nessas instituições de ensino, assim como às formas de construção e apropriação de conhecimentos que dão uma determinada experiência aos atores (Ibid.).

A EEC é organizada e entendida de acordo com a tríade proposta no gráfico anterior, por isso tem um caráter formativo para os indivíduos, pois pode explicar como os regulamentos internos e os regulamentos oficiais estão interligados com a realidade do indivíduo, isto é, com suas práticas e experiências fora do processo educacional formal.

Em suma, a EEC é a maneira pela qual sujeitos e grupos convergem suas lógicas de ação que estrutura o processo educativo em uma determinada instituição (DUBET; MARTUCELLI, 1998). No entanto, essas lógicas de ação, das quais o autor fala, estão condicionadas pela lógica da ação de uma determinada instituição, isto é, a cultura própria de uma escola, universidade ou instituição educativa (Ibid.).

Assim, diante do argumentado e focando em nossa UA, podemos questionar: qual é o benefício da apropriação de tecnologias móveis no processo de ensino e aprendizagem? Será que os usos do *M-learning* estão atingindo os centros de interesse do aluno e aprimorando sua assimilação de novos conhecimentos?<sup>10</sup>. Existe um esforço para trazer parte da RC para o ato pedagógico e suas propostas didáticas inovadoras, os quais vão condicionar o tipo de EEC que o sujeito vivenciará.

Entendemos que as tecnologias móveis fazem parte do nossa RC e do nosso *habitus* (BOURDIEU, 2007). O consumo do *Facebook*, *WhatsApp* e *YouTube* é massivo em nossas sociedades e faz parte do nosso estilo de vida. Na Bolívia, os primeiros passos estão sendo dados no uso desses espaços virtuais, especialmente o *Facebook*, no sistema educativo, com o

---

<sup>10</sup> Estas perguntas são aquelas que, a partir de nossa experiência, nós vamos tentar responder. Além disso, é importante mencionar que a primeira abordagem que tivemos com as tecnologias móveis aplicadas à educação foi em nosso curso *português para estrangeiros*, daí a importância de se recorrer a nossa EEC no quadro da disciplina mencionada acima.

propósito de entender a RC do estudante, a fim de melhorar a EEC que estes possam ter, já que esses espaços podem, de certa forma, conseguir refletir as emoções, paixões, experiências e processos sócio afetivos dos alunos (ROBSON; INFORSATO, 2011).

Antes de entrar na parte empírica, e com o objetivo de exemplificar o que foi discutido nos parágrafos anteriores, deduzimos que a disciplina *português para estrangeiros* é desenvolvida sob o seguinte CFRAPE: no que diz respeito à LOE, tem-se leis e reformas universitárias brasileiras organizadas pelo Ministério da Educação, por exemplo: a *Portaria No- 339, de 10 de março de 2017*. Com relação à OIE, tem-se portarias que regulam a organização e operação da UFMA em todas as suas áreas (faculdades, programas de pós-graduação e outras), por exemplo: o *PDI - Plano de Desenvolvimento Institucional da UFMA - 2011-2016* e o *PPI - Projeto Pedagógico Institucional da UFMA - 2017-2021*. Finalmente, temos a RC, que, no nosso caso, seriam as práticas relacionadas ao fato de sermos estrangeiros, termos outro tipo de cultura e estarmos vivendo outro tipo de realidade. Assim, o *M-learning*, tecnologia móvel, é um recurso importante tanto na construção de uma EEC positiva como na articulação entre nossa RC e um processo educativo dentro de uma cultura diferente.<sup>11</sup>

#### **4. *M-learning*: quebrando barreiras de língua**

O crescente aumento da oferta e demanda de tecnologia no mundo modificou a forma como buscamos, recebemos e transmitimos informação. As tecnologias da informação e comunicação (TIC), como recursos tecnológicos, facilitam a transmissão de informações, especialmente quando são potencializados a partir da combinação com o acesso à internet. Assim, pode-se dizer que, na educação, mudaram o processo de ensino-aprendizagem. Em outras palavras, as tecnologias móveis foram trazidas para o campo educacional, criando novos desafios e vantagens na área onde o *mobile learning*<sup>12</sup> usa tecnologias de rede sem fio, serviços de correio de voz, troca de e-mails, transmissão de vídeos, fotos, vozes, serviços de mensagens curtas (SMS), serviço de mensagens multimídia (MMS), entre outros (GIASANTI; TABOADA; JANSISKI, 2016, p. 504-505).

---

<sup>11</sup> Acreditamos que é importante destacar a proposta teórica da CFRAPE para entender de onde estamos falando, de onde contamos nossa experiência e, acima de tudo, como as tecnologias móveis podem ser usadas para articular diferentes contextos e culturas no processo de ensino e aprendizagem.

<sup>12</sup> União de conceitos de aprendizagem e mobilidade.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) define a aprendizagem móvel (*M-learning*) como o uso de tecnologia móvel, só ou em combinação com qualquer outro tipo de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), a fim de facilitar a aprendizagem a qualquer hora e lugar (UNESCO, 2013, p. 6 *apud* BRAZUELO; GALLEGO, 2014, p. 101).

Quando o uso das TICs é combinado com o processo de *M-learning*, rompe-se com as barreiras ortodoxas e tradicionais da educação, tais como: a duração limitada da aula e a educação ligada a um espaço fixo - a sala de aula. Ainda, permite-se uma avaliação menos focada na memorização e mais voltada à praticidade; menos diálogo formal e menor hierarquia da relação professor-aluno. Portanto, quando o *M-learning* está ligado ao ensino e aprendizado de idiomas, melhores resultados são gerados e, conseqüentemente, é mais amplamente utilizado (GIASANTI; TABOADA; JANSISKI, 2016; BOTTENTUIT JÚNIOR, 2013; DOMAGALA-ZYSK, 2010).

Segundo Padrón (2013), o *M-learning* possui cinco características que o definem em termos de mobilidade e vantagens: Espaço Físico, Dispositivo Móvel, Espaço Conceitual, Contexto Social, Dispersão no Tempo (SHARPLES *et al* 2007 *apud* PADRÓN, 2013, p. 127). Relacionando as características que o *M-learning* possui para a UA, destacamos a importância do contato constante que o aluno deve ter com a língua que deseja aprender. Desse modo, elementos como vídeos, músicas e imagens, que são parte da RC do aluno, tornam-se interessantes de serem adicionados à dinâmica de ensino e aprendizagem da nova língua. Essa é a eficácia das TIC associadas ao *M-learning*.

Continuando com o nosso argumento, não podemos negar que a revolução tecnológica modificou a percepção tradicional de transmissão de conteúdo no ato pedagógico. Essa dinâmica converte o ambiente em que os alunos se desenvolvem em um processo de aprendizado ativo; estruturas rígidas entre aluno e professor na sala mudam, criando-se um espaço de confiança e maior estímulo para a aprendizagem. Além disso, melhora-se a execução de tarefas, por meio da realização das atividades e pesquisas com o uso da internet, câmeras digitais e áudios, promovendo-se, assim, o acesso a conteúdos didáticos em qualquer lugar e a qualquer momento, o que, por sua vez, fortalece o desenvolvimento de métodos inovadores de ensino-aprendizagem (MARÇAL; ANDRADE; RIOS, 2005, p. 3). Em outras palavras, o uso das tecnologias trazidas para o campo educacional através do *M-learning* pode ser encarado como um esforço que o sistema educacional deve fazer para articular a RC do sujeito com o processo de aprendizagem, garantindo ao estudante uma agradável EEC.



#### 4.1 Nossa experiência com o *M-Learning*

Como mencionamos nas seções anteriores, as aulas de *português como língua estrangeira*, ministradas pela UFMA, tiveram o desafio de serem planejadas para uma turma de nível heterogêneo com relação ao conhecimento prévio da língua, levando em conta que em alguns casos era praticamente nula. Outro desafio importante, tanto para nós como para os professores, foi que, para além de estudarmos a disciplina *português para estrangeiros*, estudávamos, paralelamente, as disciplinas relacionadas com os nossos mestrados e doutoramentos, por isso estivemos imersos numa carga de trabalho intensa. Exigia-se um nível elevado de compreensão do conteúdo em sala de aula.

Sendo ambas as dificuldades compreendidas pelos professores responsáveis, optaram pelo uso de didáticas que envolviam TIC e *M-learning*. Por isso, ao longo da disciplina utilizamos e-mail, WhatsApp, YouTube, arquivos PDF, vídeos (caseiros), áudios e imagens associadas a tarefas e atividades, para que todos estivéssemos em constante contato com o idioma.

Em termos de conteúdo, o primeiro módulo abordou os *aspectos da cultura brasileira* para que nós, estrangeiros, relacionássemos o uso da língua com a cultura local. Para tanto, os professores responsáveis criaram um material que foi compartilhado conosco em arquivos PDF, por e-mail. Alguns alunos imprimiram os materiais, enquanto outros acessaram através de seus telefones celulares ou laptops.

Foram duas as Unidades que estudamos, cada uma com quatro lições que continham diferentes atividades a serem realizadas por nós, os alunos. A estrutura de cada Unidade era a seguinte: *gênero textual oral e escrito, situação social de uso, gramática e habilidades*. Ainda, cada parte que compunha a Unidade tinha uma função e benefícios que se esperava que o aluno adquirisse durante o processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa. Aqui citamos um fragmento da *Unidade 1: Pitadas Culturais* em que os benefícios são detalhados:

Nesta unidade, você terá a oportunidade de:  
Produzir texto instrucional (oral e/ou escrito)  
Representar a identidade de um país por meio de comidas típicas  
Fazer comparações e conhecer vocabulário referente à alimentação  
Identificar alguns elementos que constituem a dieta básica da cultura alimentar brasileira  
Usar verbos no imperativo e marcadores discursivos.

As atividades em sala de aula caracterizavam-se por gerar diálogos entre nós, o que envolvia o uso de verbos e o uso de expressões comuns da língua portuguesa, e por uma parte escrita, que geralmente envolvia questões, nas quais associávamos nossa RC ao uso da língua. Por exemplo, durante o avanço da *Unidade 2: Todo mundo canta sua terra*, na *lição B*, depois da *atividade* três, tivemos que responder as seguintes questões:

- a) As duas músicas falam do Brasil de formas diferentes. Qual delas fala das coisas boas do país? E das más? Comente com seu grupo e justifique sua resposta.
- b) Você consegue identificar a qual período histórico as duas músicas se referem? Se sim, o que o leva a pensar isso?
- c) Você conhece outras músicas ou compositores brasileiros que falem dessa mesma época? Se sim, quais?
- d) O seu país passou ou passa por algo semelhante ao que aconteceu no Brasil a partir da década de 60?
- e) No seu país há alguma forma de manifestação artística (música, pintura, escultura, dança...) que manifeste oposição a sistemas de repressão popular? Caso exista, compartilhe com a turma.

Por sua vez, as atividades realizadas em casa eram de natureza multimídia, nas quais tínhamos que assistir vídeos musicais no *YouTube* para entender as letras de algumas músicas de artistas brasileiros como Chico Buarque e Cazuza. Além disso, tivemos que gravar um vídeo com o objetivo de que os professores pudessem avaliar nossa capacidade de lidar com algumas frases e pronúncia.

Atividade 5: Você vai fazer essa atividade em casa. Escolha uma receita culinária do seu país e, num vídeo, demonstre como prepará-la. Aguarde as demais instruções da professora.

Além do uso de vídeos, a troca de informações pelo grupo do *WhatsApp*, criado pelos professores, particularmente pela interação nesse grupo, gerou um feedback entre as experiências culturais dos alunos e as experiências dos professores na localidade brasileira. O aplicativo *WhatsApp* facilitou a troca de informações, além de funcionar como uma extensão de aulas presenciais em outros espaços. Nesse sentido, o processo de aprendizagem não parou no final das quatro horas de aula por semana, mas foi constante e ativo.

Alguns autores compartilham a ideia de que o *WhatsApp*, na maioria das vezes, é benéfico quando usado na educação. Giasanti, Taboada e Jansiski (2016) destacam o poder pedagógico do aplicativo, visto que pode ajudar no desenvolvimento mais confortável de alunos tímidos ou com dificuldades de falar em público, ou até mesmo quando os alunos não falam a língua. Além disso, incentiva a relação de seus membros fora de espaços tradicionais e formais da educação, permitindo uma união real. Ademais, é objetivamente observável a

mobilidade, aprendizagem e velocidade com que a informação é transmitida, que é praticamente instantânea.

Na nossa experiência, o extra que tivemos, graças ao grupo de *WhatsApp* da disciplina, tinha a ver com a comunicação que era só em português, toda a informação compartilhada tinha que estar na língua a ser aprendida, o que implicava em controle na linguagem, correções de ortografia, gramática e escrita das mensagens, que eram realizadas rapidamente pelos professores, e que também foram reforçadas por imagens, vídeos e documentos compartilhados por este aplicativo, que continha principalmente regras gramaticais. Mesmo em várias ocasiões, os professores compartilhavam *memes*<sup>13</sup>, os quais possuem potencial comunicativo, com o objetivo de explicar de forma didática a maneira correta da escrita em português. Ainda nesse sentido, o uso de áudios e vídeos enviados por este aplicativo foi útil para os professores avaliarem o nível de progresso dos alunos, no sentido de acompanhar a fluência e corrigir o uso de verbos, pronúncia e avaliação do conteúdo aprendido.

Padrón (2013) argumenta que o aplicativo *WhatsApp* ajuda a gerar debates, discutir um tema ou dissipar dúvidas, quase imediatamente, sobre as unidades ou tópicos específicos, promovendo reações, pensamento crítico e a argumentação, bem como fornecendo informações gerais como: horários, cursos ou seminários complementares, entre outros, possibilitando, assim, a aprendizagem coletiva. Além disso, o professor, através deste aplicativo, pode acompanhar as atividades fora da sala de aula confiada ao aluno, identificando quais áreas devem ser melhoradas e propondo outros exercícios ou tarefas que reforcem o progresso com o conteúdo da disciplina, facilitando o feedback constante e oportuno.

Nesse sentido, ressalta-se que, “A todas essas possibilidades, adicionamos a facilidade de acompanhar sem precisar estar em uma sala de aula ou ter acesso a um computador (como mencionamos no M-Learning), de qualquer lugar, simplesmente com uma conexão à Internet.” (PADRÓN, 2013, p. 128-129, tradução nossa).

Outro aplicativo utilizado em nossa experiência foi o *YouTube*, que permite que os professores criem sua própria biblioteca virtual de vídeos que contribuem para o ensino e o aprendizado. Esse conteúdo pode ser reproduzido a qualquer momento e quantas vezes se desejar, amenizando nos alunos a pressão da sala de aula e do tempo limitado da mesma (RAMÍREZ-OCHOA, 2016, p. 542).

---

<sup>13</sup> Os memes se tornaram unidades semânticas capazes de evocar os significados aos quais estão associados. É o processo de evocação e a eficácia do meme como gatilho de atenção, memória e repetição do significado atribuído o que os torna relevantes. (LISSACK, 2004, p. 5, tradução nossa).

Atualmente, os alunos que estão aprendendo um novo idioma têm um conteúdo audiovisual multimídia de fácil acesso que permite uma maior proximidade com o idioma. O aluno pode criar uma lista de vídeos (músicas, vídeos ou documentários didáticos) para ajudar a melhorar o idioma e acessá-los a partir de telefones celulares, computadores portáteis ou fixos, tablets, etc. Em nossa disciplina, era evidente que os telefones celulares e laptops eram necessários para o acesso de listas de reprodução, vídeos instrutivos e materiais que seriam utilizados na sala.

Telefones celulares e laptops deixaram de ser mediadores comunicativos para se tornarem centros de informação, comunicação, gravação e edição de áudio e vídeo, um repositório de recursos e conteúdo (PADRÓN, 2013, p. 124). Ser capaz de acessar informações na palma de nossas mãos é uma revolução tecnológica que mudou a forma de ensinar e aprender, no nosso caso, uma língua estrangeira. Não é apenas uma ferramenta pedagógica, mas é um tipo de tutor passivo com dicionários e tradutores que nos permite ter certa proximidade com a língua a ser aprendida. Décadas atrás, aprender uma língua significava carregar vários livros, mas, atualmente, só precisamos carregar um dispositivo eletrônico que pesa de cem a cento e cinquenta gramas.

Kukulska-Hulme (2012)<sup>14</sup> explica que, graças ao avanço tecnológico dos últimos anos, o design, ou planejamento do ensino, e a pedagogia no aprendizado de idiomas foram alterados. Por exemplo, os alunos acessam recursos educacionais, que geralmente duram entre quinze e vinte minutos, de qualquer lugar e sem um cronograma fixo. O *M-learning* permite que o processo educacional ocorra em lugares e horários de preferência dos alunos, de modo que a educação formal transcendeu suas barreiras tradicionais e ortodoxas de ensino e aprendizagem, adentrando em situações que permeiam a RC do aluno e do professor.

A Aprendizagem Móvel, ou *M-learning*, é definida como uma "[...] modalidade [...] educacional que facilita a construção de conhecimento, a resolução de problemas de aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades diversas de maneira autônoma e onipresente graças à mediação de dispositivos móveis portáteis [...]" (BRAZUELO; GALLEGO, 2011, p. 17 *apud* BRAZUELO; GALLEGO, 2014, p. 101, tradução nossa). No nosso caso, como acadêmicos, o uso dessa modalidade educacional foi ainda mais importante nesse primeiro módulo, porque temos um período limitado de permanência no Brasil, dois anos, e por isso estamos cientes de que precisamos de uma eficácia pedagógica que facilite a

---

<sup>14</sup> Kukulska-Hulme (2012) *apud* JORDANO DE LA TORRE, M.; CASTRILLO DE LARRETA-AZELAIN, M.D; PAREJA-LORA, A. El aprendizaje de lenguas extranjeras mediante tecnología móvil en el contexto de la educación a distancia y combinada. **RIED. Revista Iberoamericana de Educación a Distancia**, 2016. Revista Tecnologias na Educação – Ano 10 – Número/Vol.27 – Edição Temática IX– III Simpósio Nacional de Tecnologias Digitais na Educação (III-SNTDE). UFMA - [tecnologiasnaeducacao.pro/tecedu.pro.br](http://tecnologiasnaeducacao.pro/tecedu.pro.br)

absorção de informações-chave relacionadas à língua portuguesa. Nesse sentido, o *M-learning* é essencial, visto que facilita a aprendizagem de maneira didática, horizontal e, em muitos casos, autônoma.

## 5. Conclusões

É claro que, a partir da admissão do CFRAPE na educação, um novo espaço ganhou força, a saber, o espaço virtual, e isso modificou as relações e interações entre os atores que fazem parte desse processo educacional em específico. O sistema educacional está aproveitando esses espaços para que, por intermédio do *M-learning*, seja possível compreender o aluno a partir de sua vida cotidiana, ou RC, com o propósito de melhorar a EEC que ele possa ter durante sua formação educacional. O propósito não é que o sistema educacional e o professor tenham maior controle sobre o aluno, mas, sim, poder entrar nesses espaços dispondo de maior noção dos múltiplos aspectos que fazem com que o processo de ensino e aprendizagem aconteça.

A partir de nossa experiência, identificamos que a dinâmica do *M-learning* não apenas vai em direção à RC como também a traz para o processo educacional formal. Essa dinâmica permite ao professor entender melhor o CFRAPE do aluno e, acima de tudo, ter uma noção da EEC que seu aluno pode vir a ter.

Organizações internacionais como a Organização Mundial da Saúde - OMS e a UNESCO entendem a relevância do *M-learning* em um contexto globalizado, exigindo cada vez mais fluidez e acesso a informações imediatas, considerando-as como um fator fundamental para melhorar a qualidade dos sistemas de informação e aprendizagem (GIASANTI; TABOADA; JANSISKI, 2016, p. 505).

Frente a uma sociedade que atualmente questiona "[...] o paradigma básico do ensino, onde as atitudes necessárias para o sucesso 'individual' são apresentadas como necessárias em geral [...]" (WILLIS, 2008, p. 157, tradução nossa), o *M-learning* está respondendo com autoridade na luta contra essas práticas antieducativas, diante das quais o próprio aluno pergunta se realmente tudo o que se aprendeu em uma cultura educacional generalista, homogeneizadora, tradicional e ortodoxa pode ter sucesso no âmbito do individual. Portanto, é necessário, através desses novos paradigmas educacionais, libertar o estudante do peso do conformismo e da realização convencional para permitir-lhe enraizar suas capacidades e potencialidades em qualquer lugar (Ibid.), seja na aprendizagem formal ou informal.

Da nossa experiência com a disciplina *português para estrangeiros*, a partir do nosso contato com o *M-Learning* pela primeira vez, geramos EEC positivas fora da sala de aula. Conseguimos desenvolver nossas capacidades em outro país com uma língua que não conhecíamos. Através do *M-Learning*, nós quebramos as barreiras que a língua pode erigir na comunicação, e, também, como estrangeiros, foi útil encarar modelos educacionais diferentes dos quais estávamos acostumados; uma experiência diferente, às vezes complicada, mas, acima de tudo, satisfatória.

O processo de repensar nosso CR em outro idioma nos desafiou como estrangeiros nesse processo de aprendizagem da língua portuguesa. O fato de gravar um vídeo em português, atuando como jornalistas da Rede Globo, compor uma música para o nosso time de futebol favorito, contar como preparamos as comida típicas dos nossos países, identificar contextos culturais diferentes dos nossos em músicas, foram atividades que pudemos realizar graças às tecnologias móveis que, associadas à educação *M-Learning*, garantiram uma EEC diferente, na qual o processo educacional não nos foi algo alheio ou longe dos nossos modos de viver, pensar e sonhar.

Por fim, é necessário reconhecer que, embora em alguns países já haja um esforço efetivo para que haja a implementação dessas reformas educacionais, em outros países, essas reformas ainda são uma realidade distante. Na Bolívia, por exemplo, ainda não se vê um esforço para que se entenda o espaço diário do aluno e do professor. Antes, se implementam ordenanças e *reformas* na educação apenas de acordo com os ideais simbólicos, fatores políticos, conjunturais, econômicos e sociais que nada têm a ver com os reais problemas dos atores, não correspondendo, assim, à EEC de cada sujeito e não respondendo ao verdadeiro CFRAPE de cada indivíduo nas instituições educacionais <sup>15</sup>.

## Referencias

BAUMAN, Z. **Sobre la educación en un mundo líquido**. Buenos Aires: Paidós, 2013.

BOTTENTUIT JÚNIOR, J. B.; LEMOS, R. Tecnologias Móveis: o uso do celular como suporte para a educação. **Revista Educa Online**, v. 7, n. 1, p. 101-115, jan./abr. 2013.

BOURDIEU, P. **El Sentido Práctico**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2007.

---

<sup>15</sup> O tópico de outra investigação será entender quais são os processos que não permitem que essas reformas sejam efetivamente aplicadas.

Revista Tecnologias na Educação – Ano 10 – Número/Vol.27 – Edição Temática IX– III Simpósio Nacional de Tecnologias Digitais na Educação (III-SNTDE). UFMA - [tecnologiasnaeducacao.pro/tecedu.pro.br](http://tecnologiasnaeducacao.pro/tecedu.pro.br)

BRAZUELO, G; GALLEGO, G. Estado del Mobile Learning en España. **Educación en Revista**, Curitiba, n. 4, p. 99-128, 2014.

DOMAGALA-ZYSK, E. Uso de las TIC en el aprendizaje de lenguas extranjeras en estudiantes sordos universitarios: una experiencia en la Universidad Católica de Lublin. **Escuela Abierta**, n. 13, p. 137-153, 2010.

DUBET, F; MARTUCCELLI, D. **En la Escuela. Sociología de la experiencia escolar**. Buenos Aires: Losada, 1998.

GEERTZ, Clifford. **La interpretación de las culturas**. Barcelona: Gedisa, 2003.

GUBER, Rosana. **El salvaje metropolitano**. Buenos Aires: Paidós, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIASANTI, A.; TABOADA, A.; JANSISKI, L. Uso de la aplicación WhatsApp por estudiantes de Odontología de São Paulo, Brasil. **Revista Cubana de Información en Ciencias de la Salud**, Habana, v. 27, n. 4, p. 503-514, 2016.

JORDANO DE LA TORRE, M.; CASTRILLO DE LARRETA-AZELAIN, M.D; PAREJA-LORA, A. El aprendizaje de lenguas extranjeras mediante tecnología móvil en el contexto de la educación a distancia y combinada. **RIED. Revista Iberoamericana de Educación a Distância**, 2016. Disponible em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=331443195002>>. Acceso em: 13 jun. 2018.

MARÇAL, E.; ANDRADE, R.; RIOS, R. Aprendizagem utilizando Dispositivos Móveis com Sistemas de Realidade Virtual. **Novas Tecnologias na Educação**, v. 3, n. 1, maio 2005, p. 11.

PADRÓN, C. Estrategias didácticas basadas en aplicaciones de mensajería instantánea WhatsApp exclusivamente para móviles (mobile learning) y el uso de la herramienta para promover el aprendizaje colaborativo. **Revista de Tecnología de Información y Comunicación en Educación**, Valencia, v. 7, n. 2, 2013. Disponible em: <<http://servicio.bc.uc.edu.ve/educacion/eduweb/v7n2/art09.pdf>>. Acceso em: 22 jun. 2018.

RAMÍREZ-OCHOA, M. I. Posibilidades del uso educativo de Youtube. **Ra Ximhai**, v. 12, n. 6. Jul./dec. 2016, p. 537-546.

ROBSON, A. S.; INFORSATO, E. C. Aula: o ato pedagógico em si. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Caderno de Formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 80-85 (Prograd; 9).

ROCKWELL, E. (Coord.). **La escuela cotidiana**. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

WILLIS, P. **Aprendiendo a trabajar**. Madrid: Akal, 2008.

**Recebido em novembro 2018**

**Aprovado em novembro 2018**